

Journal do Domingo.

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

50 réis á entrega nas localidades onde houver correspondentes; nas outras localidades de:

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR

Anno em 52 numeros, 2\$500 réis; Semestre em 26 numeros, 1\$300 rs.; trimestre em 13 numeros 700 rs.; avulso 60 rs.

— ANNO II — 26 DE MARÇO DE 1882 — N.º 5 —

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno em 52 numeros, 7\$000 réis; semestre em 26 numeros 4\$000 rs.; trimestre em 13 numeros 2\$000 rs.; avulso 200 rs.

São agentes da empresa no Rio de Janeiro os srs. **Lino & Faro**, Rua do Ouvidor.

SUMMARY

GRAVURAS:—O sonho; O mercador de aves; O pastor das Ardennas; A mulher do pescador.

TEXTO:—Actualidades, por Tekel; As nossas gravuras, por P. C.; Leitura sobre a antiguidade e arte classica, por Augusto Fuschini. Horas d'ocio, Rosicler, por Pinheiro Chagas; Domingo historico, por A. O. Correspondencia.

ACTUALIDADES

— Ora, disse eu ha pedaço, com os meus botões, depois de estar a pensar longamente no assumpto a escolher para a minha chronica, já sei, vou arranjar-lhes umas Actualidades interessantissimas... Esperem ahi...

E pondo o chapéu na cabeça, saí de casa a buscar a chronica.

Onde ella estava era um pouco longe de minha casa, eu moro na... ahi! que me ia esquecendo da nossa combinação... moro em Babylonia, no palacio de Balthasar, uma casa ás suas orders... mas, para lhes ser agradavel, caros leitores, era capaz de ir até ao fim do mundo, e a chronica que eu ia buscar, tinha a perfeita certeza de que lhes seria agradabilissima.

Saí de casa e fui por ahi fóra.

Quando cheguei ao Passeio Publico havia grande ajuntamento ao pé do Americano.

Era um caso, e quem sabe se estaria ali uma chronica; se aquelle caso seria ali posto pela Providencia para me poupar o trabalho de ir mais longe.

Não estava lá chronica nenhuma, estava apenas uma simples noticia; não fóra posta pela providencia, fóra arranjar da pelo conductor.

O caso era o seguinte:

Um sujeito bem vestido, com uma senhora pelo braço, queria por força que o conductor do americano lhe puzesse para ali a Pampulha, a Pampulha ou meio tostão por cabeça.

O conductor recalcitrava.

O sujeito expunha então as suas razões ao publico que se agglomerava em torno.

— Eu sou brasileiro, dizia elle, cheguei hontem no paquete com minha senhora: iamos vêr a Exposição da arte ornamental, que é á Pampulha, nos disseram na hospedaria. Quando sabiamos do Pas-

— O homem tem razão! É um abuso este costume de mudar os letreiros do carro antes de chegar ao seu destino.

— Dê-lhe o dinheiro, e a companhia o que devia era suspender-o.

— Não lhe dê nada, o brasileiro é um fona.

E cada cabeça cada sentença.

Por fim o conductor transigiu; consentiu em levar os de graça para a Pampulha; brasileiro e a esposa voltaram para dentro do bond e nós continuámos o nosso caminho.

No Rocio encontramos um homem gordo, baixo, de bigode louro, cara sympathica, que veio a correr ao nosso encontro.

— Pst, Pst!

— O que é?

— É no dia 24 o beneficio lá do meu homem, coitado!

— Oh! o beneficio do Faria! respondi eu porque sabia que aquelle rapaz era o protector e o amigo desvelado d'esse excellent general Boum, que representa hoje quem sabe se as ultimas scenas da comedia da vida, n'um quarto particular do Hospital.

— Faz-lhe um réclame, sim?

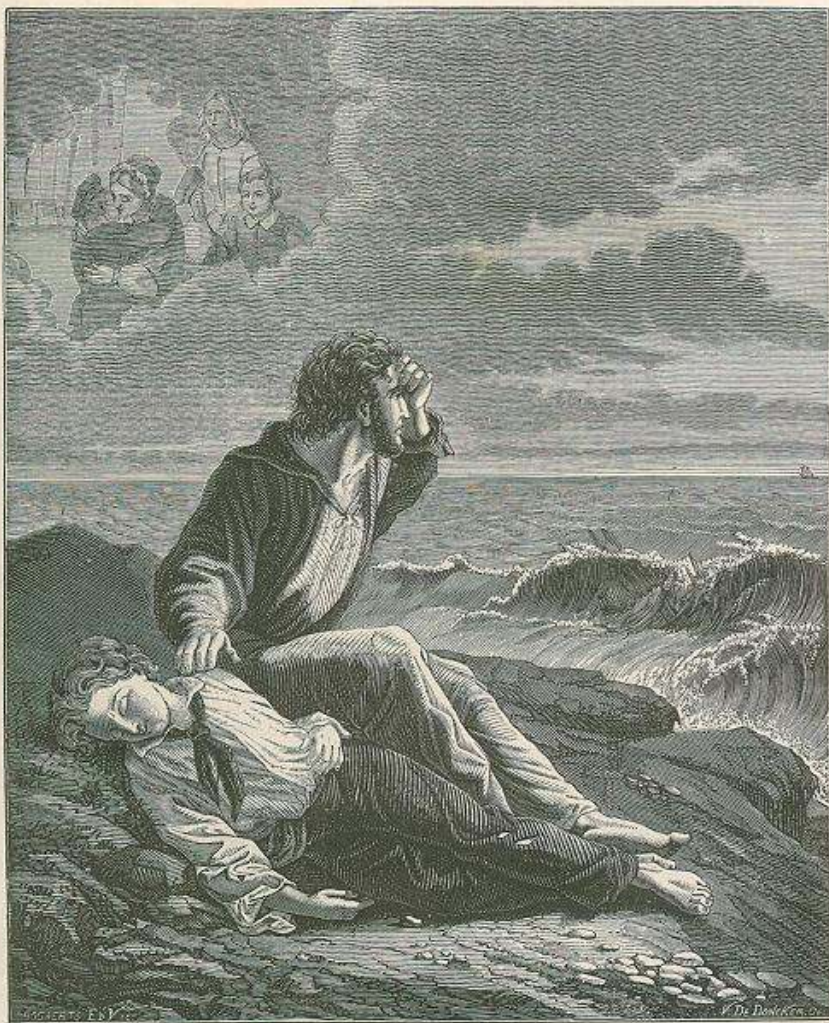
— Faço, pois não. E como está elle?

— Mal, muito mal.

— Mas o que tem no fim de contas?

— Doença de espinha — Essa doença terrivel que está torturando o pobre Guilherme d'Azevedo! — mas os medicos dão ainda alguma esperanza de que com a primavera e o campo elle tenha algumas melhoras...

— Bom, vá descansado que eu faço o réclame. É



O SONHO

seio vimos este bond com o letreiro de Pampulha: digo para minha senhora: «Não sabia que Pampulha era para estas bandas!» E chamei o bond e nos mettemos n'elle. E agora, o conductor, não nos dá Pampulha, e não quer nos dar o nosso dinheiro.»

O auditorio fazia commentarios.

no theatro da Rua dos Condes, não, o beneficio?

— Não senhor, é no de D. Maria.

— Hein?... Mas a companhia da Rua dos Condes vae representar lá?

— Não senhor, é a do theatro de D. Maria.

— Mas então... elle que era actor da Rua dos Condes, o melhor que lá havia talvez...

— O beneficio é em D. Maria!

E o amigo do Faria affastou-se para ir pedir outro réclame a um jornalista que passava pelo outro lado da rua...

Subi o Chiado rapidamente, por entre os enormes grupos de *flâneurs* parados nos passeios, como d'antes, — a velha rosa de Malherbe já deu imagem por si á rhetorica lisboeta: as medidas do sr. Arrobas — e fugindo cautelosamente dos conhecidos, evitando as longas estopadas de quem anda no Chiado simplesmente para assassinar o tempo, acobertando-me atraz da minha myopia, fazendo da vista curta vista grossa, consegui chegar á rua dos Calafates.

Era ali que estava a nossa chronica.

Parei na porta n.º 76, abri-a, subi a escada, e toquei na cancella do 2.º andar.

Veiu uma criada.

— O sr. Taborda?

— Sabiu agora mesmo, meu senhor.

A alma cahiu-me aos pés! A minha chronica não estava em casa: a minha chronica era o Taborda!

Eu creio positivamente que todos os meus leitores tinham muito mais interesse em saber como os ouvidos do Taborda voltaram do seu rapido passeio a Paris, do que em ler a narração tragica do assassinato da Rua do Bemformoso, ou a argumentação cerrada dos defensores dos guardas nocturnos, ou a lista minuciosa dos legados de João Paulo Cordeiro, o morto millionario.

E isto não quer dizer de modo algum que eu acredite lá muito que no espirito d'elles, dos meus leitores, o amor do proximo prevaleça sobre a curiosidade da vida alheia — a doença do seculo symptomatisada pelo jornal de dez réis, mas porque me fio immenso no egoismo humano, n'esse egoismo que tem prezo aos ouvidos do Taborda, a maior alegria das suas noites de theatro.

E o grande interesse palpitante da minha chronica estava n'isso: era o interesse de todos que gostam de rir, que vão ao theatro, e que embora não tenham orientação critica sufficiente para vêr que, pela Arte, Taborda é o primeiro de Portugal, tem ouvidos, para saber que é aquelle que mais lhe agrada e que mais os diverte.

E foi-se embora a chronica, por um momento, por me ter demorado talvez a ouvir a historia do brasileiro, do Americano, da Pampulha.

E depois se lhe tivesse fallado, seriam umas *actualidades esplendidas*: oito dias do Taborda em Paris, Taborda no consultorio de Guérin, onde deu quatro libras e onde recebeu a esperança de dentro de dois mezes ficar completamente bom dos ouvidos, ouvindo perfeitamente tudo o que em Lisboa é muitas vezes ouvir de mais! Taborda com Eduardo Garrido e Raphael Bordallo, Taborda visitando Guilherme d'Azevedo, Taborda recebendo um convite de Lucinda Simões para ir jantar no momento em que entrava para o comboio, que o havia de trazer a Lisboa; Taborda

nos theatros; as *Mil e uma noites*, e as mulheres que nadam, o *noventa e tres*, etc., etc., imaginem-se isto seria ou não uma chronica deliciosa, uma chronica como em Lisboa a não apanhava senão na rua dos Calafates.

Mas chegámos tarde e era uma vez uma chronica!

E tristes e desconsolados voltámos para casa a pensar no que havia de ser essa chronica em que já não pensavamos, quando de repente veio ao nosso encontro uma historia authentica, que seria um bello *mot de la fin*, para Zadig ou para o Mascara de Ferro.

Na historia ha uma palavra um pouco... naturalista, mas o pobre Faria, o Faria do hospital, já a disse com grande applauso e gargalhada do publico, e por isso ella lá vae... desculpem-me.

A scena passa-se n'uma repartição.

Um continuo celebre pelas suas bernardices espiro.

O chefe, um rapaz que tem muita graça e partidas de estudante, diz-lhe gravemente:

— Chiça!

Espanto indignado do continuo.

— Do que se admira você? Chiça é uma palavra grega que quer dizer: *Deus te ajude*: agora já ninguém diz *Dominus tecum*, nem *viva*.

O continuo ouve muito callado e fica plenamente satisfeito.

D'ali a dias o mesmo continuo vae levar uns papéis ao gabinete do director geral, onde estava reunida uma commissão de pares e deputados.

O director, que se tinha constipado na vespera, solta um furioso espirito.

O CONTINUO (*muito respeitoso e com um sorriso amavel nos labios*) — Chiça, sr. conselheiro!

PHARÉS.

AS NOSSAS GRAVURAS

O sonho

Não nos demoraremos n'este assumpto. Occupamo-nos largamente de scenas do mar no artigo relativo á gravura que representa a *Mulher do pescador*. A disposição das figuras revela bem a pungente situação dos personagens d'esse pequeno drama. O marinheiro salvou-se com seu filho; mas essa salvação é ephemera, é uma pequena tregua que as ondas lhes dão. Passa ao longe uma vela, e o pobre pai agita-se loucamente para conseguir que o vejam e que os salvem, que salvem principalmente essa criança adorada, que cedeu á fadiga, e caiu n'um somno profundo, que será talvez, quem sabe? o prefacio do eterno somno.

Mas esse somno é cortado por um sonho ridentissimo. O anjo que vela pelo dormir dos innocentes transportou aquella alma infantil ao seio da familia ausente. Vê-se em casa, surpreendendo alegremente a pobre mãe que chora a sua perda. E no seu rosto sereno espalha-se docemente o immenso bem-estar, a felicidade radiante d'esse regresso, emquanto no rosto do pai se retratam com viveza todas as angustias da cruel realidade!

Quando a criança acordar e se achar de novo em presença das ondas aterradas, será tão feroz o destino que fará succeder a esse sonho, que o artista desenhou vagamente nas nuvens, a imagem sinistra da morte? A situação interessa-nos por tal forma, que desejamos que o pintor nos diga se do navio avistaram os naufragos, e se o sonho se transformou em doce realidade.

O mercador de aves

Referimo-nos n'um dos nossos numeros precedentes ao pintor belga Van Schendel, e ao caracter especial do seu talento; a gravura que apresentámos representava uma boa dona de casa comprando pessoalmente n'um mercado nocturno o pato de que precisava para o seu jantar domingueiro. A gravura que apresentamos no numero de hoje faz symetria com a outra. É copia de um dos muitos quadros que tornaram universal a reputação do grande mestre.

Como dissémos, fizera Van Schendel um estudo profundo dos effeitos de noite. Escolheu os seus assumptos n'esse paiz classico dos nevoceros, onde o pallido clarão de uma vela illumina o taboleiro de um vendilhão ou madrugador ou seroador. Se ás vezes os assumptos que tratou se parecem, as suas telas tem sempre o merecimento de representar a natureza apanhada em flagrante, e realmente seria difficil encontrar uma expressão mais exacta e mais poetica ao mesmo tempo da realidade vulgar. O artista estudou a fundo tanto os seus typos como os accessorios de que os rodeia, e os seus quadros são a reprodução viva, philosophica, por assim dizer, dos seus modelos.

O pastor das Ardenas

As Ardenas são uma das regiões mais pittorescas do centro da Europa. Em certas epochas do anno os sitios mais selvagens d'essa região coberta de bosques sombrios revestem-se de pouco vulgar formosura. No mez de agosto as giestas em flor desdobram o seu manto de oiro sobre as encostas das montanhas; no outono a folhagem dos bosques matiza-se de ricas e variadas côres. O inverno, tão monotono na planicie, apresenta-se aqui debaixo de um aspecto estranho e grandioso; a geada suspende por toda a parte da musgosa ramaria das arvores e das aspercezas dos rochedos as suas brancas grinaldas e as suas efflorescencias. No derreter das neves ecoa pelos valles o estrondo das cascatas, e os mais insignificantes rios transformam-se em torrentes, que se podem comparar sem demasiada inferioridade com as mais bellas torrentes da Suissa.

No meio d'essa paisagem austera descança, encostado ao seu cajado, o pastor das Ardenas, cujo perfil se destaca no céu illuminado pelos raios do sol poente. O cão vigilante deita-se-lhe aos pés, e os carneiros pastam por entre as urzes, as hervas odoríferas que lhe dão á carne tão appetitoso flavor.

O nosso pastor em nada se parece com os pastores de Virgilio, de Theocrito e de Quita. Não é um mortal piegas e almiscarado, que vive familiarmente com as Dryades e as Nymphas, que suspira e morre por uma deshumana e que passa o tempo a gravar na cortiça das arvores letras amorosas, e a disputar aos seus collegas, em concursos bucolicos, o premio da flauta. O seu futo nada tem de elegante e nenhuma flôr enfeita o seu cajado. O seu aspecto, pelo contrario, é em geral pouco affavel, e a sua existencia nas vastas e solitarias chapadas das Ardenas dá-lhe certos habitos de taciturnidade e de rudeza. Um chapéu velho e amachucado, um capote de panno grosseiro apertado no pescoco ou uma pelle de vacca para o preservar da chuva, umas polainas, ou, a maior parte das vezes, uns enormes sapatos nos pés nus: eis o seu traje.

O pastor das Ardenas vive muitos mezes no monte, dormindo á noite n'uma cabana de rodas, e não tendo outra companhia senão o seu rebanho. E, comtudo, se algum viajante passa junto d'elle, quasi que nem levanta a cabeça. Estranho destino, feliz para os que comprehendem a natureza e a sua im-

da linguagem, que não podem perceber os que se absorvem nas paixões, e nos mesquinhos interesses da vida das cidades.

A mulher do pescador

O barco dobrou essa pequena duna, que se vê no horizonte, a mulher do pescador volta a cabeça pensativa para o pequenino que tem no collo. Quando elle fôr crescido, quando elle quizer acompanhar o pae nas suas expedições quotidianas... como será então duplicada, pobre mulher, a sua amargura!

François Coppee, um dos primeiros poetas da França contemporânea, tem uma admirável poesia intitulada *L'Épave*, que vamos contar em poucas linhas de decorada prosa, porque nos occorreu immediatamente ao vêrmos essa cabeça scismadora de mulher, em cujo olhar como que se adivinham já as preocupações e as angustias futuras da mãe.

Nas praias da Bretanha vivia um pescador com a mulher e um filho. A idade já lhe quebrara um pouco as forças, mas ainda lutava com o mar no seu fragil barquinho, a que pozera um nome audacioso: *Avante!*

Uma tarde em que o pescador, tendo acabado de jantar, fumava o seu cachimbo à porta da choupana, contemplando o mar onde se balouçava o bote amarrado ao caes, e que principiava a picar-se com as zargunchadas do vento, viu vir ao longe, muito ao longe, um navio de velas brancas, em quanto no céu um ponto escuro annunciava borrasca imminente. O pescador meneou a cabeça, murmurando:

— Vão passar um bocadinho amargo os mareantes d'aquella embarcação.

O temporal veio porém ainda mais depressa do que elle previa. N'um momento o mar se levantou em vagalhões furiosos, e acotou com o latego de espuma as penedias da costa.

O vento soprava com violencia. O pescador seguia, com o cachimbo apertado entre os dentes, o caminho do navio, que lutava visivelmente com difficuldade, e que desaparecia de instante a instante no doido turbilhão que enchia o horizonte d'essas alvuras de espuma mil vezes mais sinistras do que as mais densas sombras. A mulher, que o conhecia bem, olhava inquieta para o rosto levemente franzi-do do pescador.

A tempestade redobrava de violencia, e entre todos os clamores sinistros da procella ouviu-se vagamente um tiro isolado, depois outro e outro. O navio pedia soccorro!

As companhas dos barcos de pesca tinham-se reunido na praia a vêr o mar, e a seguir de longe, com anciedade, o drama que lá no horizonte se estava representando. Quando se ouviram os tiros, muitos dos mais valentes empallideceram. O mar estava medonho. Mas elles, os desgraçados, haviam de morrer allí, quasi á vista de terra, sem que lhes estendessem a mão, sem que procurassem salvá-los? O pescador não resistiu á voz imperiosa do dever. Envergou o *caban*, e, quando a mulher soluçante procurava demovel-o do seu proposito heroico e lhe mostrava o filho, elle respondia: Pois então eu hei de deixar morrer, á minha vista, aquella pobre gente, sem lhe acudir, sem me arriscar um pouco também? Lá isso é que não. Deus ha de ir comosco. Já muitas vezes me tem tirado de perigos maiores. Se morrer, paciência, não vos ha de faltar quem vos ampare a ti e ao pequeno, que ainda ha almas christãs por esse mundo! Eh! rapazes! toca para o mar! Isto agora não é pescar sardinha, é pescar gente que é obra mais acciada. Vamos lá quem não tem medo!

E, desembaraçando-se da mulher, saltou para dentro do bote. Seguiram-n'o todos os da compa-

nha, mas o mar, cada vez mais empolado, não aplacou por isso a sua furia insana. Elles remavam intrepidamente, a mulher, com o pequeno ao peito, viu por muito tempo o vulto energico de seu marido, quando soltaram a vela, em pé, envolto n'uma nuvem de espuma, a segurar com mão firme no leme. Depois sumiram-se no horizonte, e nunca mais, nunca mais voltaram!...

Tres dias durou a tempestade, e tres dias esperou a viuva lavada em lagrimas e pungida pelos soluços que as ondas lhe restituísem o cadaver do marido. Nada! O mar guardava cuidadosamente a preza.

Passaram-se annos e a pobre viuva toda se consagrou ao filho estremecido; mas um medo pungente, atroz, continuo, a perseguia. Se o mar lh'o roubava! Todo o seu cuidado era affastal-o para longe, muito para longe d'essas ondas terríveis, traíçoeras, fataes que lhe tinham roubado o marido. E eram ellas com-tudo a tentação do pequeno. Apenas apanhava a mãe descuidada, ahi corria elle á praia, a enterrar os pés na areia, a molhar os voluptuosamente na espuma da vaga preguiçosa! A mãe corria logo a buscal-o, ralhava-lhe, lembrava-lhe a morte do pae, supplicava-lhe que elle não íesse um desgosto, que elle não amargurasse a existencia com essa fatal predilecção. E, assim que o viu um pouco mais crescido, foi ter com o cura, pediu-lhe que o ensinasse, que elle mettesse na cabeça o latim e a grammatica, para que elle podesse ser padre, qualquer coisa enfim que o affastasse para sempre do mar, d'esse mar feroz e implacavel que a vestira para sempre de luto, do luto da viuvez.

E o bom do cura condescendeu, e o pequeno, bondoso e meigo também, resignava-se, e ia todos os dias para a escola do cura, com os seus livros debaixo do braço, voltando as costas ao mar, a esse mar que elle amava tanto e que o fizera orphão. Estava horas a vel-o, com o livro caído nos joelhos, a contemplar as ondas que cintavam de branco o horizonte, e os barcos que partiam alegremente, com as velas soltas ao vento, levando a bordo muitos dos seus companheiros de infancia, que eram felizes, bem felizes esses, que podiam remar sentir o balanço das ondas, o sopro rijo da ventania nas amplas solidões do mar alto.

Uma tarde ia o sol a declinar para o occaso, e o mar alteroso batia com furor nas rochas pacientes. Um navio ao longe lutava com a tempestade. Na praia os pescadores inquietos assistiam a essa scena eternamente repetida e eternamente tragica. Removava-se quasi textualmente a situação que já descrevemos. O rapazito fremente, de labio convulso, de lagrimas nos olhos, via os bons dos pescadores preparar já um barco para ir em soccorro do navio que naufragava. A mãe essa agarrava, pallida, assustada, palpitante, nas mãos tremulas do filho, e murmurava-lhe ao ouvido palavras supplicantes. Enfim, como a tempestade redobrava de violencia, como o perigo era imminente, uma voz sonora e rude bradou: Vá rapazes! quem quer acudir aos nossos irmãos em perigo?

O filho do pescador deu um passo, mas a mãe, agarrando-se a elle, frenetica, louca de terror, abraçando-o, apertando o com ancia, bradou-lhe: Não! não vaes! não te deixo ir! já me roubaram teu pai, essas ondas malditas! Não te hão-de roubar agora! Não! meu filho! não quero que me deixes! não quero que te matem!

E o rapazito, banhado em lagrimas, vencido por essa dôr immensa, por essa supplica desvairada, beijava-a e prometia-lhe, com a dôr no coração, que a não deixaria, que a não deixaria nunca!

N'isto porem a vaga furiosa que cuspi na praia os detritos de vinte naufragios, depois de balouçar por algum tempo no seio espumante um objecto pesado e informe arrojou-o enfim á areia, e todos puderam ver a pópa de um barco, de um barco que os temporaes tinham sacudido por longos annos e por todos os mares, de um barco que desaparecera no horisonte, e que nunca mais voltara... e na pópa d'esse barco, levada pela espuma, revestida das incrustações do Oceano, todos puderam ler essa divisa audaciosa: *Avante!*

Então o rapazito não poudo resistir: erguendo a cabeça com um gesto resolutivo, sentindo-se homem enfim, desembarçou-se de sua mãe que caiu quasi desmaiada na areia, e com um grito de triumpho saltou para dentro do barco, empunhou um remo, e ao seu impulso vigoroso, e ao dos seus companheiros, a embarcação lá foi em procura dos naufragos.

Nem sempre a Providencia desampara os bons, e o dever tem muitas vezes também a sua recompensa na terra. Estes heroicos rapazes voltaram sãos e salvos da temerosa empresa, voltaram trazendo consigo os marinheiros arrancados á morte e ao abysmo, e quando o filho do pescador, abraçado a sua mãe, que chorava de susto, e de alegria e de saudade, a beijava e a aflagava, murmurou-lhe ao ouvido, apontando-lhe para a *épave*, para a reliquia do naufragio de seu pai, para a pópa do bote onde a palavra *Avante* brilhava, como a expressão do dever:

— Mãe, bem vês! não podia! o pai tinha fallado.

Ah! se soubessem como é admiravel na magnifica simplicidade dos seus alexandrinos esta formosissima poesia, que nós resumimos e contámos de memoria na nossa humilde prosa!... Depois dos *Pauvres gens* de Victor Hugo, é n'este genero a mais completa obra prima da moderna poesia franceza.

E não está contido todo este drama na expressão com que a mulher do pescador contempla a creança que tem ao collo? P. C.

LEITURAS SOBRE A ANTIGUIDADE E A ARTE CLASSICAS

ATHENAS

O SECULO DE PERICLES

(Continuado da pag. n.º 32)

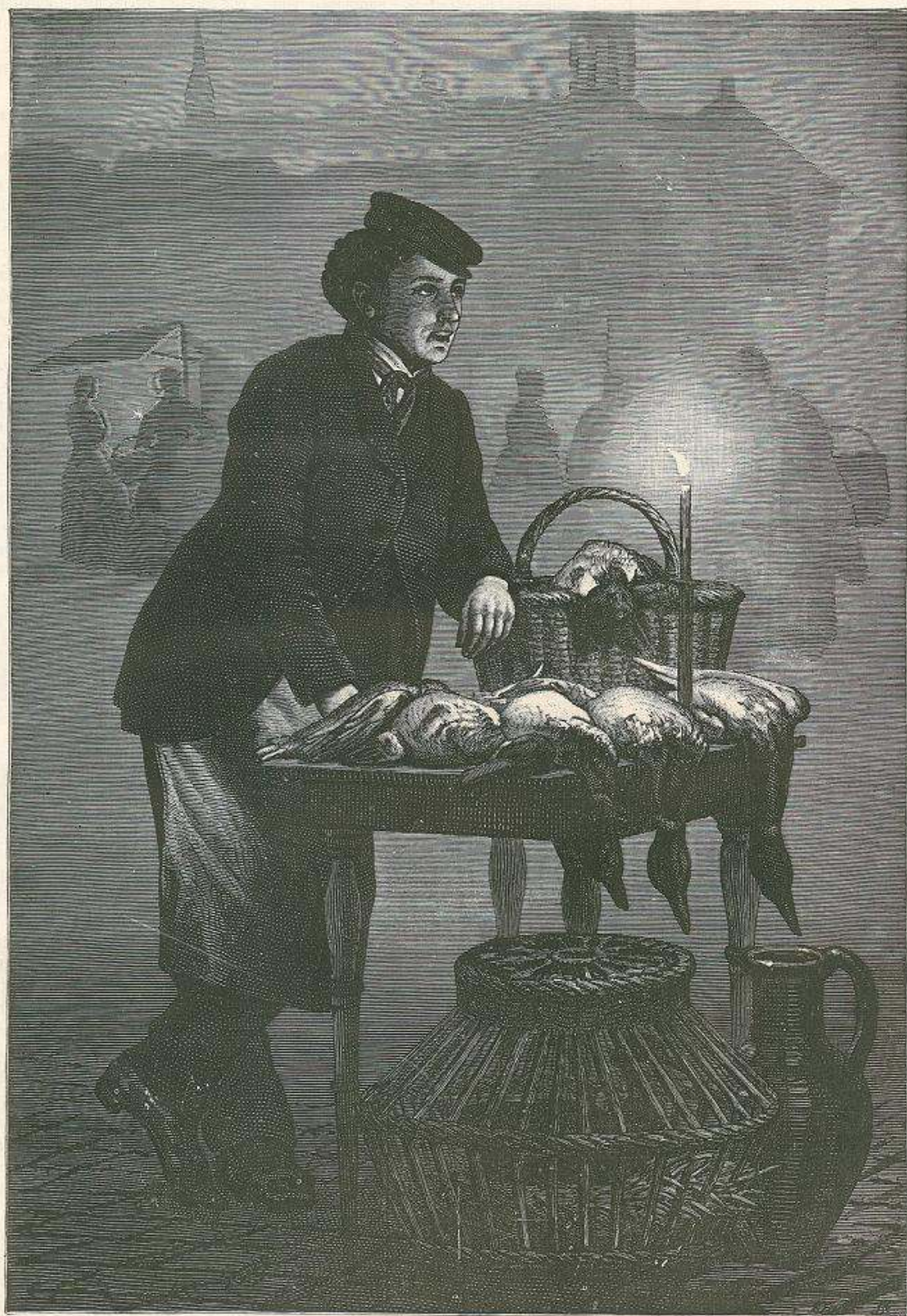
Ao longe no horisonte, excedendo as muralhas do recinto exterior, projectavam-se sobre o azul celeste immaculado e transparente os pequenos montes, sobre que assentava a cidade. A collina do Pnice, esplanada onde se realisavam as grandes assembleas populares, de cuja tribuna de marmore o orador podia vêr o porto e os trirremes ancorados, a verdadeira força da republica; a collina do Museu; a do Areopago, onde funcionava o sabio tribunal dos velhos archontes; e finalmente, aquella elevação, que a todas se avantajava em grandeza e altura, rochedo isolado e quasi inacessivel, cujo planalto coroado ainda por fortes muralhas, formava a cidadella, o acropole.

O acropole, litteralmente a parte alta da cidade, não era apenas a cidadella, mas sobretudo um recinto sagrado. Fôra allí que nascera a cidade. O primeiro nucleo da sua população, tribu nomada, talvez, escolhera naturalmente para se fixar a parte mais elevada sobre o terreno circumvisinho, como mais facilmente defensavel; allí se elevaram as primeiras preces, allí se construíram os primeiros altares e se fizeram os primeiros sacrificios para propiciar os deuses; allí se lançaram os fundamentos da futura cidade. O crescimento da população fêl-a depois transbordar os muros, e pouco a pouco o recinto primitivo pelo effeito da tradição, pelo do natural respeito dos antepassados e da origem da nação, idêa

que na antiguidade classica tanto se sobrelevava politica e religiosamente á do individuo e da familia, pelo das lendas e dos milagres dos deuses, o acropole tomou o caracter de um solo sagrado, verdadeira cidade ideal das divindades; onde se distin-

to Pireu dista cerca de 40 estadios olympicos destacavam-se um pouco confusamente na sua profusa aglomeração, templos, altares, estatuas e grupos collossaes de marmore e de bronze, os melhores productos da arte classica.

tes da raça jonica, ramo magnifico da grande familia hellenica. As virtudes e os vicios da raça tiveram sem duvida em Athenas o maximo incremento; aos defeitos, porem, serviu de compensação o valor subido das qualidades boas e superiores, com que



O MERCADOR DE AVES

guiam, porem, pela grandeza dos templos, pela beleza dos altares e pela sumptuosidade dos ritos, aquellas que se tinham constituido em protectoras officiosas do estado.

Na esplanada do acropole d'Athenas, que do por-

Eis o fim da nossa viagem. Enquanto, porem, vencemos aquella distancia, estudemos alguns traços geraes da sociedade, em que por algum tempo vamos viver.

Foram os athenienses os melhores representan-

crearam uma das mais bellas civilisações e eternisaram o nome grego.

A raça jonica estabelecera a sua principal séde nas costas maritimas da Asia Menor, ganhando assim no mundo oriental uma sensualidade delicada e

imaginosa, que um sol ardente e brilhante radiando sobre uma natureza esplendida infiltrara no excellente sangue aryano. Possuindo um formosissimo dialecto, flexivel e rico, como instrumento da sua forte intellectualidade; nutrido uma paixão ardente por tudo quanto é bello, qualquer que fosse a revelação d'esse principio eterno; admirando com igual enthusiasmo a sciencia em Aristoteles, a philosophia em Platão, a moral em Socrates, a virtude em Aristides, a arte em Phidias, a eloquencia

sem duvida na historia uma das mais soberbas manifestações da especie humana.

Estes eram egualmente os caracteres dos Athenienses.

Alegres e activos, energeticos e eloquentes, valentes no combate e promptos na acção, de uma indole doce e profundamente artistica, avidos de gloria e de belleza, de um gosto desmedido pelas aventuras e pelas viagens, excellentes marinheiros e habéis commerciantes, os athenienses enaegreciam o fundo

Taes eram os homens, vejamos qual era o seu governo.

Em Athenas no seculo de Pericles preponderava a democracia pura, demagogia lhe chamava o antigo partido aristocratico subjugado, não sem luta vigorosa e porfiada, pela eloquencia e pela habilidade politica dos tribunos populares. Vinte annos tinham decorrido antes de Pericles, o mais eloquente e energico dos chefes populares, conseguir a direcção suprema dos destinos da republica. A aristocra-



O PASTOR DAS ARDENNAS

em Pericles, o civismo em Themistocles; escutando com equal interesse as leituras historicas de Herodoto, os versos de Homero, e os poemas dramaticos e comicos dos seus grandes auctores; comprehendendo claramente como o mesmo principio de belleza se manifestava querna poesia dos ritos das suas numerosas e alegres festas religiosas, quer na concepção ideal dos seus deuses, quer na plastica sublime do corpo humano, a raça jonica, juntando a estes elementos um grande poder de assimilação constitue

d'esta brilhante pintura com algumas sombrias disposições. Cubiçoso nos ganhos, ardiloso no procedimento, alicantineiro no commercio, demandista e fallador, preferindo a lisonja á verdade e o adullador ao severo moralista, brilhante, revolucionario e ingrato, o povo d'Athenas pelas suas nobres qualidades e pelos seus detestaveis defeitos recorda, a quem o estuda na sua vida propria e social, pelas intimas affinidades que entre os dois existem, um grande povo moderno—o francez.

cia tivera pelo seu lado as tradições gloriosas, a força das instituições por ella propria creadas, a direcção vigorosa de uma minoria rica e illustrada. Os melhores capitães da Grecia, Milciades, o vencedor de Marathona, Aristides, Cimon, os libertadores do solo sagrado da patria, eram de estirpe nobre; a gloria militar, o mais forte de todos os instrumentos de tyrannia, dera por muito tempo á olygarchia aristocratica d'Athenas uma força quasi invencivel. Em verdade se deve dizer, porem, que o povo gosara

quasi sempre de grande liberdade. A indole da raça jonica era doce e benevola, nem a propria escravidão teve jámais em Athenas o cunho infeliz e miseravel do illota espartano, ou do escravo romano.

As reformas politicas de Solon, modificando a antiga federação patriarchal, que constituiu em Athenas, como geralmente constitue nas sociedades incipientes, a forma politica primordial, collocára a par das familias tradicionais e nobres, as Eupatrides, as familias enriquecidas. Solon na Attica, como Servio Tullio no Lacio, por este meio operou serenamente a passagem da primitiva constituição heroica, em que predominava a casta, para a democracia das antigas republicas. Effectivamente a fundação legal da hierarchia das classes sociaes na medida das fortunas das familias ou dos individuos, restringindo os direitos e as prerogativas tradicionais, havia de produzir necessariamente a obliteração do espirito estreito e mutario da carta.

Ao primeiro aspecto esses direitos e essas prerogativas não se eclipsavam, se o poder politico se alargava, se as mãos que o dirigiam eram mais numerosas, não se deslocava abruptamente e permanecia onde residira outr'ora; o futuro, porem, demonstrou que uma aristocracia se definia e perece, quando pode ser penetrada por elementos novos e estranhos não voluntaria e cautellosamente recrutados por ella, mas que conquistam o seu logar ou pela força do direito ou pelo direito da força. Assim em Athenas e em Roma as ultimas classes populares, chamadas á vida do Pnice e do Forum, apoderaram-se bem depressa do predomínio politico, e por ultimo concentraram em si quasi todos os poderes do estado.

Tal foi a bella obra dos grandes legisladores de Athenas e de Roma.

Solon classificára os cidadãos em quatro categorias de fortuna, das quaes unicamente as tres primeiras tinham franco accesso nos cargos politicos. Em um paiz pobre como era Athenas, principalmente no tempo de Solon, onde as fortunas territoriaes estavam nas mãos dos Eupatrides, ou familias nobres, as tres primeiras classes deviam ser pouco numerosas; a maioria dos cidadãos, os proletarios como se denominavam em Roma, formava a ultima. Esta grande classe, contudo, se se via privada do direito de exercer as altas magistraturas da republica, gosava em compensação de dois privilegios, que fariam a profunda inveja dos proletarios do seculo XIX; nem pagava imposto, nem era forçada ao serviço militar.

O archontado, magistratura collectiva annual, o poder executivo da republica, ficára ainda privativo da primeira classe dos cidadãos, exactamente aquella que devia conter todos ou quasi todos os Eupatrides; sendo possivel que, afim de estabelecer entre os membros das antigas familias nobres perfeita igualdade, os nove archontes não fossem eleitos mas sorteados, como mais tarde aconteceu. Se no tempo de Solon as quatro classes sociaes foram chamadas a deliberar em assembleia publica, eis do que é licito duvidar, muito principalmente em relação á ultima; é certo, porem, que aos destinos da republica presidia uma corporação politica composta pelos archontes passados, cujo nome atravessou os seculos e as gerações, cercada por uma aureola de seriedade veneravel e de elevação moral—o Areopago. Com taes elementos evidencia-se em Athenas o predomínio da oligarchia, governavam apenas os nobres e os poderosos; a democracia, o governo do povo pelo povo, não era mais do que um nome, um ideal felizmente possivel no futuro.

Successivas transformações melhoraram esta organização politica, não podemos seguil-as especificadamente, porque sem vantagem alargariamos em excesso o quadro d'este escripto; devemos, porem, esboçar-a no seu estado cerca de 150 annos depois das reformas de Solon, quando a constituição atheniense tomou o seu character definitivo e mais radicalmente democratico com as ultimas modificações introduzidas por Ephialto, amigo particular e mandatario politico de Pericles.

Estabelecida a organização politica de Solon, o campo e o fim da lucta dos tribunos populares definiam-se claramente: cercar as attribuições do Areopago, roubar aos archontes os elementos do poder passando-os ou para as assembleas populares constituídas pela totalidade dos cidadãos, ou para os seus directos delegados.

Tal foi a obra revolucionaria, que na sua gestação gastou seculo e meio; util ensinamento para os modernos e apressados revolucionarios!

O archontado, enfim, tinha perdido quasi todas as suas prerogativas politicas; outr'ora magistratura individual, soberana e hereditaria, soffrera successivas reduções de poder, caindo de decennial em annual e collectiva. Solon reservara-lhe ainda o privilegio de ser preenchida pela classe mais elevada da republica; as ultimas reformas, porem, haviam-lhe roubado até este privilegio generalizando-a por meio da sorte a todos os cidadãos.

O espirito conservador, tão singular e caracteristico nas republicas classicas, deixará-lhe apenas attribuições judicarias e religiosas, e ao primeiro archonte a honra irrisoria de vincular o seu nome ao anno da sua gerencia. Exceptuando o direito de iniciativa na apresentação das propostas de lei ao povo e o dever de fiscalisar as leis existentes ainda reservados a seis dos seus membros, os *thesmoteles*, que para este effeito funcionavam em tribunal, o archontado depois das ultimas reformas nada mais representava do que—permitta-se-nos a expressão—uma magistratura symbolica e lendaria, uma verdadeira magistratura sacerdotal.

O Areopago, que se alimentava do archontado, logicamente soffreu a repercussão da ruina d'esta magistratura. A sua importancia politica desaparecera com a dos archontes; conservando, porem, attribuições ainda variadas como tribunal judicial e de censura. Estava certamente bem longe de representar na scena politica o papel, que desempenhára outr'ora, quando era apanagio dos Eupatrides: todavia pelas venerandas tradições, pela austeridade e virtude da corporação mantidas pela rigorosa escolha dos seus membros vitalicios, pela auctoridade emanada das suas attribuições ainda largas, pela acção preponderante e profundamente conservadora, que sempre resulta de uma reunião de homens em geral velhos e todos experimentados nos negocios publicos, a sua influencia indirecta devia ser importante; posto que nos não pareça verosimil, que directa e legalmente tivessem alçada politica.

Nas assembleas dos cidadãos, cujas reuniões periodicas geralmente se realisavam no Pnice, se tinham concentrado todas as forças politicas da republica. A hierarchia solonica extinguiu-se, qualquer cidadão atheniense, no gozo dos seus direitos politicos e maior de 30 annos, possuia a faculdade de votar e de subir á tribuna publica para defender as suas opiniões, logo que a sua vida particular pura e illibada fosse solida garantia do seu patriotismo. Esta condição considerava-se tão importante, que qualquer cidadão podia accusar perante os tribunaes o orador immoral, porque em Athenas corria como

certo serem as virtudes individuaes e domesticas a base segura das civicas; sãbia lição de moral politica de que as gerações presentes se deviam aproveitar!

As assembleas populares competia a resolução de todos os negocios; faziam as eleições de todos os magistrados e funcionarios da republica, salvo os archontes e os senadores que a sorte designava; discutiam as leis e os tratados e perante ellas eram ouvidos os embaixadores enviados á republica. A sua acção não era só deliberativa, mas ainda fiscal e judicaria; em face da soberania popular omnipotente obliteravam-se todos os direitos individuaes; qualquer magistrado podia ser revocado antes de findar o praso do seu mandato, qualquer cidadão podia ser remunerado ou premiado, e sem forma de processo e sem recurso algum condemnado á morte, ou votado ao ostracismo.

N'estas assembleas politicas a egualdade dos cidadãos era absoluta, por mais baixa que fosse a sua extracção ou menor a sua fortuna; a todos cabia a emuneração diaria de tres *obolos* á fim de que dispensando o trabalho quotidiano, podessem estar presentes desde o começo da assembleia, ao nascer do sol, unica circumstancia em que podiam votar.

Devemos confessar que jámais existiu expressão mais genuina e pura da soberania popular.

Os perigos do systema residiam principalmente nos excessos da demagogia, pois evidente é que uma constituição politica baseada em tal poder popular facilmente deriva para a peor das tyrannias—a das massas. Os legisladores athenienses, todavia, mostrando uma perspicacia e uma providencia admiraveis, tinham introduzido, ou deixado subsistir, nos usos e nas leis certas disposições singulares, que domavam um pouco o leão popular e temperavam o seu poder absoluto.

Não se exigia só, como dissemos, a moralidade e a probidade individual dos oradores e dos tribunos populares, mas não se lhes soffria a mais leve offensa da lei. O orador, que nos seus discursos ou nas suas propostas contrariava, ou menospresava, uma lei da republica, citado perante os tribunaes era julgado e condemnado, embora as suas opiniões tivessem sido bem recebidas pelo povo e as suas propostas convertidas em lei. Magistrados especiaes vigiavam que ellas não fossem offendidas ou violadas, caso em que como verdadeiros presidentes da assembleia immediatamente a levantavam e interrompiam.

(Continua)

LUGUSTO FUSCHINI

HORAS DE OCIO

Problema arithmetico

Achar um numero composto de quatro algarismos que satisfaça as seguintes condições:

- 1.ª—Que o algarismo dos milhares, mais o das centenas, mais o das dezenas sommem ao todo 14;
- 2.ª—Que o algarismo dos milhares, o das centenas e o das unidades sommem 17;
- 3.ª—Que o algarismo dos milhares, o das dezenas e o das unidades sommem 13;
- 4.ª—Que o algarismo das centenas, o das dezenas e o das unidades sommem 19.

EUCLIDES

Pergunta indiscreta

Qual é a cidade europêa mais damninha e que mais estragos tem causado á humanidade?

MANOEL ANTONIO COELHO ZILHÃO.

1 Cerca de 80 réis da nossa moeda.

Enigma

Duas vezes dois?
São quatro? Não são:
Visinha, visinha,
Isso é feia acção.

Ociosos de caçadores &

Soluções do n.º 2 do segundo anno

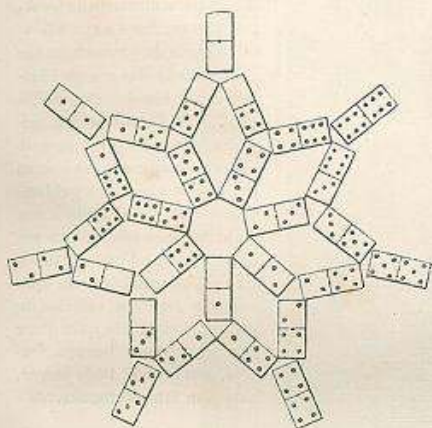
Palavras quadradas a completar:

A T A R
T A L O
A L A S
R O S A

Geographia — Proverbio — Ha males que vem por bens.

Synonimia — Quita.

Problema de Dominó:



Soluções certas

Palavras quadradas a completar — Botão de Rosa (Evora), Pedro José Calhaneas (Elvas), Hamlet (Merceana), Abilio Cordeiro, Emilia Z. (Vizeu), Benedicta Barros (Setubal), Juanito.

Geographia — Proverbio — Carmelita, O adivinhador do outro numero (Braga), Nadége (Coimbra), Juanito, A. Marques Guedes (Vizeu).

Synonimia — Hamlet (Merceana), Juanito, Leonardo José de Almeida Santos (Porto), B. C. (Vianna do Castello), Menalea (Bemfica), X. Y. Z.

Problema de Dominó — Botão de Rosa (Evora), Teniers (Santarem), Luiz Maria de Souza, Dois parceiros (Porto).

ROSICLER

CANTIGAS POPULARES ANDALUZAS

(Collecionadas por Fernan Caballero)

Sofre, com animo igual,
O' alma, o que mais te opprima,
Que é a mais aspera lima,
Que melhor limpa o metal.

Nome — só de Manuel!
Mulher — só sendo Maria!
Amor — só amor de mãe!
E luz — só a luz do dia!

Ha nas igrejas uma arvore
Com espinhos, e sem flor;
Em cada ramito um anjo,
No meio Nosso Senhor.

Um doido do hospital
Disse-me em certa occasião:
Nem o são quantos ha cá,
Nem estão cá todos que o são.

Não te cases com velho
P'ra seres rica;
Porque o dinheiro gasta-se,
E o velho fica,

Nunca compres mula coxa,
Pensando que sarará,
Que, se as mesmas não coxeiam,
As coxas o que será?

Sempre alerta raparigas!
Que o homem não sofre damno,
Assim que sacode a capa,
Cae o pó e fica o panno.

Até a lenha do campo
Tem sua separação;
Uma serve para santos,
Outra p'ra fazer carvão.

Vê lá não mates á fome
Aquelle que bem te quer;
Olha que a fraqueza tira
A vontade de comer.

O amor e a laranja
Assemelham-se infinito.
Pois por mais doces que sejam,
Sempre tem seu agrosito.

O desengano é leal,
E o engano é um traidor;
O primeiro é dôr sem mal,
E o segundo é mal sem dôr.

Minha mãe chamou-me Rosa
Para eu ser mais desgraçada,
Que não ha rosa no mundo
Que não morra desfolhada.

Os olhos da moreninha
Dos meus males dão seus ares,
Grandes como as minhas ancias,
Negros como os meus pesares.

Suspiros que de mim saíam
E outros que de ti virão,
Se no caminho se encontram,
Que coisas que elles dirão!

Vê tu! indo e vindo
Fui-me enamorando;
Principiei rindo,
E acabei chorando,

Tres annos depois de morto
Perguntou-me o frio chão,
Se eu já te havia esquecido
E eu respondi-lhe que não.

Vale mais o moreno
D'esta morena,
Do que toda a brancura
De uma aqúena.

Não me mandes cá papeis
Que eu não sei ler;
Manda-me a tua pessoa
Que a quero ver.

Zeloso me chamam!
Tolice tremenda!
Eu sou lavrador,
E guardo a fazenda.

Teus labios duas cortinas
São, de cor de carmezim:
Eu cá estou entre cortinas,
Á espera do teu sim.

No irritar-te pareces
O proprio mar,
Porque o mar até se irrita
Com um sopro de ar.

Teu amor é como o toiro,
Assim que o chamam, lá vae,
E o meu é como a pedra,
D'onde a pozeram, não sae.

No dia em que tu nasceste
Todas as flores brotaram:
E na pia do baptismo
Os rouxinoes gorgeliaram.

Moreno pintam a Christo,
E morena a Magdalena!
É moreno o bem que adoro!
Pois viva a gente morena!

As estrellas do céu
São mil e doze,
Com as duas do teu rosto
Mil e quatorze.

Tu escreveste na areia,
Sobrescriptaste no mar,
O vento foi teu correio...
Muito seguro hei-de eu estar!

Se pensas que porque eu canto
A vida alegre me corre,
Eu sou como o passarito,
Que até canta quando morre.

Uma vela se consome
Á força de muito arder:
Assim se consome um homem
Ao lado de uma mulher.

De teus lindos olhos
Não faço queixas:
Elles querem mirar-me,
Tu não os deixas.

Um beijo, priminha!
Não quero, priminho!
É mui longe Roma,
Não sei o caminho.

Dos altos céus estrellados
Cairam dezoito estrellas,
Seis Antonias, seis Franciscaes,
Seis divinas Manueas.

Ondas do mar e ciúmes
São a mesma coisa em summa,
Levantam altas montanhas,
E são espuma.

A pomba está na sua cama,
Bem curupada e bem quente,
E o pombo está n'uma esquina
Batendo dente com dente.

Tenho no corpo cantigas
Que até parece um vespeiro,
Batalhando uma com outra
A ver a qual sae primeiro!

Ha um peixe no mar alto
A que chamam a corvina,
Ha na terra uma serpente
Que se chama Catharina.

Meu amante é marinhoiro
De agua salgada,
Que lá os da agua doce
Não valen nada.

Sapateiro e alfaiate,
E official de barbeiro,
São tres pessoas distinctas,
E nenhum é verdadeiro.

Um estudante, menina,
Compara-o com uma sardinha,
Salgadita, com escamas,
Pouca carne, e muita espinha.

O quartel é uma estalagem.
Sargento o estalajadeiro,
Os burros são os soldados,
Cada cabo um arrieiro.

Trad. de P. C. (Conclue no proximo numero)

NOTA. — Seria de uma inqualificavel vaidade inscrever n'uma secção intitulada Rosicler, versos traduzidos pelo director d'este jornal, se não fosse tão insignificante a parte que lhe cabe n'esse trabalho. Verter do hespanhol em portuguez é tão simples! Ora o que são incontestavelmente perolas da mais pura agua são essas maravilhosas quadras populares, que o grande escriptor hespanhol, que assignava as suas obras com o pseudonymo de Fernan Caballero, colleccionou com tanto gosto.

O DOMINGO HISTÓRICO

26 de março de 1808 — Começam a marchar para Hespanha as tropas da legião portuguesa.

A conquista em Portugal, em 1807, pelas tropas de Napoleão, não foi resultado de uma prolongada guerra, em que se travassem renhidos e sanguinolentos combates, mas pelo contrario Junot desde a fronteira até Lisboa não encontrou um unico soldado portuguez a tomar-lhe o passo, e os obstaculos que teve de vencer durante a marcha foram apenas as difficuldades do terreno e o rigor do tempo. Os francezes puderam assim, ao cabo de uma marcha de poucos dias, entrar em Lisboa, e os habitantes da capital, ainda impressionados com as scenas do embarque da familia real e da corte, assistiram impassiveis á chegada dos estrangeiros.

A conquista tinha sido facil, mas para conservar o dominio era necessario quebrar todos os meios de que os portuguezes possessem lançar mão, para recuperar a independencia, e por isso uma das primeiras ideias de Junot foi o licenciamento do nosso exercito. Em seguida o primeiro ajudante do imperador organisou uma legião em que entrarem os melhoes soldados e os chefes mais conhecidos, e dando o commando d'essa força ao marquez d'Alorna, D. Pedro d'Almeida, ordenou-lhe que marchasse para Hespanha, começando esse movimento no dia 26 de março de 1808.

Dos soldados e officiaes que faziam parte da legião muitos voltaram á patria, especialmente quando souberam que aqui tinha rebentado a insurreição; mas apesar d'isso a força restante, posto que muito reduzida, desempenhou um papel importante nas guerras do imperio, distinguindo-se principalmente nas campanhas de 1809 e 1812, nas batalhas de Wagram e da Alivokowa, e mereceu em diferentes occasiões os elogios dos seus companheiros e os mais subidos louvores do proprio imperador.

A. O.

CORRESPONDENCIA

P. J. C. — Devemos-lhe uma resposta e agradecemos-lhe a explicação que nos deu a respeito do motivo por que suppoz que seria Alpalhão a terra portugueza em que Jesus fallava. O nosso correspondente conta-nos que no Alentejo, quando se diz aos de Niza: Ah! cães que mataram o nosso Deus! os de Niza res-

pondem logo: Não fomos nós, senhores, foram os de Alpalhão.

É curiosa a narrativa, e illumina com uma luz completamente nova a historia evangelica. Effectivamente é sabido que, para os povos catholicos do sul da Europa, o Evangelho tem tido uns capitulos supplementares muito curiosos. Assim consta que Pilatos foi morrer no Rhodano, que Herodes foi enterrado na Redinha, que S. Thiago, apenas acabou a Ascensão veio lo-o para Braga, etc., etc., etc. Petruccelli de la Gattina, o impio author das *Memorias de Judas*, conta comtudo que Jesus-Christo, depois de despregado da cruz, e achando-se de perfeita saude, tomou logar com Judas a bordo do paquete do Tibre, e veio morrer em

frequencia, porque não abundam entre nós os romanistas. Se ainda em cima vamos publicar narrativas de viagens estrangeiras, quando nós temos ainda tantas e tantas que esperam um chronista, onde fica o espaço para os assumptos portuguezes?... Deixemo-nos de Cook... Era um excellentes sujeito-crú, e o ministro das ilhas de Sandwich, que se acha actualmente em Lisboa, refere que é tradição na sua familia que assado ainda era melhor.

Pois muito bem! os inglezes que não tem mais nada pozeram-n'o nas nuvens, os outros povos do centro da Europa fizeram o mesmo, e junto d'elle os nossos descobridores começaram a fazer triste figura. Pois ha grande differença entre os navegadores que affrontam

mares ignorados, povoados de phantasmas e de terrores supersticiosos pela ignorancia do seu tempo, que demandam portos desconhecidos sem busolas, nem mappas, e esses navegadores do seculo XVIII munidos de todos os meios necessarios para navegar com segurança, mesmo em mares ainda não sulcados. Respeitamos muito a memoria de Cook, mas não sentimos a necessidade urgente de o recomendar á admiração dos nossos leitores. Quer estudar as viagens de Cook? Estude-as em primeira mão, com o seu proprio criterio comparando-as com as dos nossos maiores, e publicaremos com muito gosto o seu trabalho, mas não traduza para cá uma d'essas banaes narrativas estrangeiras, que estamos fartos e refartos de conhecer. Isto não quer dizer que não demos licença. Damos, sim senhor. Póde entrar, mas com fado portuguez.



A MULHER DO PESCADOR

EXPEDIENTE

Encetamos no proximo numero a publicação do magnifico romance esplendidamente illustrado, — *Um passado tenebroso*.

Pedimos desculpa aos nossos assignantes e correspondentes, da demora que tem havido na publicação das capas de brochura e indice do 1.º volume.

No proximo numero daremos cumprimento á nossa promessa.

Subscrição aberta em favor do Gaspar da viola, doente no Hospital de S. José

Transporte	7\$150
F. P.	100
D. Maria de Araujo.	200
M. J. L.	100
A. M. (Cantanhede)	100
Total.	7\$650

No proximo numero publicaremos o recibo do digno fiscal d'aquelle estabelecimento, o sr Ricardo.

Typ. e lit. Portuguesa — Calçada do Tijolo, 39 (à rua Formosa)

Roma em casa do discipulo, cuja imagem nós queimamos em sabbado de alleluia com grande regozijo dos nossos corações catholicos.

Agora ficamos sabendo que Jesus-Christo, em vez de ir para Roma, veio para cá, e que os de Alpalhão deram cabo d'elle calunniando de mais a mais, segundo parece, os filhos de Niza. Que os de Alpalhão ergam a voz em sua defeza! O caso complica-se assombrosamente!

Dá licença? — Permite-nos que lhe fallemos com toda a franqueza? Não continue com a traducção. O nosso jornal é pequeno, as gravuras são em parte estrangeiras, os romances estrangeiros tem de ser com